

**UMA NOVA LEITURA DA LITERATURA:  
INOVANDO POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

*Estéfano Rogério Santana Oliveira* (UEMS)  
[professorestefano@hotmail.com](mailto:professorestefano@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a adaptação de clássicos da literatura brasileira, em histórias em quadrinhos, realizada com alunos do ensino médio da rede pública de ensino. A partir da deficiência diagnosticada no ensino de leitura, nas aulas de língua portuguesa e de literatura, propomos uma pesquisa baseada em um trabalho com os clássicos da literatura adaptados para histórias em quadrinhos. A utilização da linguagem não verbal nas histórias em quadrinhos foi muito decisiva, pois, as imagens possuem um intenso poder de chamar a atenção dos alunos antes mesmo da leitura do texto. Temos como princípio que lecionar leitura é introduzir o aluno ao mundo de novas descobertas e, também, auxiliá-lo na sua formação como cidadão.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Histórias em quadrinhos. Leitura.

**1. Considerações iniciais**

O estudo nasceu da nossa deficiência encontrada na prática de leitura, nas aulas de língua portuguesa e de literatura, no ensino médio. Lecionar leitura, acreditamos, em duas direções, tanto é introduzir o aluno em um mundo de novas descobertas como, também, por conta disso, ajudá-lo a descobrir-se como cidadão e membro consciente de seus atos.

Se a leitura, conforme sabemos, é fundamental para o crescimento intelectual do leitor, precisamos, desse modo, proporcionar novas metodologias que despertem o gosto para essa prática. Precisamos ter consciência que a leitura e a sua análise é o foco do trabalho, primeiramente, e que a historiografia e análise linguística, em segundo lugar, não podem ser postos como principal. O texto literário (verbal ou imagético, como, aqui, é apresentado) sempre deve ser posto anteriormente a qualquer metatexto ou conceitos teóricos que tratem sobre o texto em questão.

Sabemos que o ensino de literatura, no ensino médio, passa por muitas dificuldades, dentre elas: carga horária mínima, análise voltada para a gramática, comodismo oferecido pelos livros didáticos e, por fim, a prática de leitura e atividades voltadas para um trabalho historiográfico que não contemplam os processos seletivos (ENEM ou Vestibulares).

## 2. A literatura no século XX

Desde o início do século XX, que, no Brasil, Monteiro Lobato buscava romper com as influências oriundas da literatura europeia. Com essa manifestação da cultura, nos diversos âmbitos do trabalho com a arte e com a literatura, em especial, fizeram-se escritos voltados para a nossa realidade social. Tendo em vista o contexto histórico da nossa sociedade, com seus mitos e seus folclores, o que em uma extensão territorial como a nossa, do Ailã<sup>1</sup> ao Chuí, equivale a dizer que temos muitas personagens para mostrar. No entanto, o que pretendemos, aqui, é dissertar um pouco sobre literatura, sua evolução e o seu contínuo.

Sabemos que, dentro do contexto escolar, existe uma gama variada de obras literárias que servem para auxiliar professores e educadores no processo de ensino e aprendizagem. A literatura infantil, dessa maneira, abre essa capa para descortinar o mundo fantástico que inspira crianças por meio dos contos, fábulas e histórias que, também, além do entretenimento, têm cunho pedagógico. Outra possibilidade vista, para além da diversão, busca tanto ensiná-los o conhecimento das primeiras letras, como, igualmente, saber agir em situações em que se encontram na ausência dos pais. Esses escritos, todavia, podem ser chamados de arte ou literatura? De acordo com a estudiosa Nely Novaes Coelho:

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, a arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Fundem os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e suas possíveis realizações. (COELHO, 2000, p. 9)

O grande nome na nossa literatura infantil foi Monteiro Lobato que já revelava, nas cartas trocadas com o seu amigo Godofredo Rangel, os indícios do seu primeiro projeto de escrita para o público pueril, uma vez que se preocupava com a literatura que era dirigida às crianças. Em uma carta de 08/09/1916, ele diz o seguinte: “Ando com várias ideias. Uma: vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças...”. (MARTHA, 2001)

Em 1920, aparecem os primeiros fragmentos dos seus escritos para crianças, isto é, a história de Lúcia ou *A Menina do Narizinho Arrebitado* que, por vir na forma de livro de figuras, pôde ser incluso na nova

---

<sup>1</sup> Até recentemente, a foz do rio Oiapoque (no Amapá) era considerada o ponto extremo ao norte do Brasil, mas hoje se sabe que é a nascente do rio Ailã, no monte Caburá (em Roraima).

diretriz pedagógica (Escola Nova). A sua fama decorreu por esse público identificar-se com os fatos que iam sendo narrados, pois, se sentiam à vontade naquele mundo tão familiar e afetivo. Na verdade, as crianças penetravam neste mundo maravilhoso e mágico com muita naturalidade. Monteiro Lobato conseguia, em plenos anos 20, no Brasil, fundir o real e o maravilhoso, em uma só forma.

Com o passar do tempo, novos textos foram sendo criados e mudanças aconteciam, pois o maravilhoso mundo lobatiano passava a ter tons reais, ou seja, aliavam-se personagens reais (Lúcia, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia...) com os fictícios (a boneca Emilia, o Visconde de Sabugosa e as dezenas de personagens recuperados do folclore brasileiro nesse mundo inventado por Lobato). Com efeito, o escritor se fixava neste universo de escrita para crianças, identificava-se com elas, sobretudo, com suas personagens. Em uma nova carta a Rangel, datada em maio de 1926, ele expressa seu desejo relatando o seguinte: “Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo”. (LOBATO, 1955)

Sua vontade estava realizando-se, uma vez que, em 1926, seus livros já estavam sendo produtos de exportação para Europa e seu público, ficando cada vez mais crescente, tornando-se querido por um público infantil formado, também, por crianças estrangeiras. Mostra, com isso, que seu nome conseguiu firmar-se tanto no âmbito nacional como no internacional, tornando-se, por isso, uma característica universal.

A literatura que surge no século XX surge com o sentido de quebrar com a influência estrangeira no país. Os novos autores desejavam criar estruturas que favorecessem mais as características do nosso Brasil e, principalmente, da nossa sociedade que, na verdade, ainda não tinha uma identidade própria por estar presa a costumes que não condiziam com a nossa realidade.

Com o século XX, a literatura passou a ser mais realista, pois, houve uma mudança nos padrões estruturais, nas ações, no vocabulário, tornando as situações peculiares à cada região do país. A miscigenação brasileira, por conta disso, pôde ser cada vez mais explorada e levada em conta deixando de lado a visão europeia voltada, predominantemente, para a cultura branca. Com isso, tivemos a consagração de grandes autores que se não tinham características literárias tão refinadas, pelo menos naquele momento, contudo, pelo contexto da época, posteriormente, foram

incluídos como literários.

### 3. *Histórias em quadrinhos*

As histórias em quadrinhos surgem no século XIX, contudo sua modernização veio a partir do ano de 1895 com Richard Outcault, com sua famosa tirinha “Yellow Kid” (Menino Amarelo) que circulava nos jornais sensacionalistas de Nova York. A tirinha fazia tanto sucesso que os grandes jornais entraram em disputa para ter a posse, em suas páginas.

O grande sucesso das histórias em quadrinhos, no entanto, não se deve a Outcault, antes, porém, sim, às verdadeiras raízes que eram as pinturas rupestres feitas pelos homens pré-históricos que se valiam desses desenhos para contar as suas aventuras e histórias. Também, podemos identificá-las nas igrejas cristãs que retratam os últimos momentos da vida de Jesus Cristo na Terra (a Via Sacra). A grande diferença, todavia, é que esses textos eram todos de linguagem não verbal e, somente, através de imagens, eram indicadas as sequências.

Já, na modernidade, estes textos agregam dois tipos de linguagem a verbal, ou seja, (escrita) e a não verbal (imagem), para a transmissão da mensagem, porém, segundo Waldomiro Vergueiro, que coordena o Núcleo de Pesquisa de História em Quadrinhos, as mudanças só ocorreram a partir do século XIX, com Rudolph Töpffer, Georges Colomb e Ângelo Agostini, que estavam no Brasil desde os 16 anos. (VERGUEIRO, 2004)

No Brasil, as histórias em quadrinhos surgiram em 1837, com a autoria de Manuel de Araújo Porto-Alegre. A princípio, o autor produzia uma espécie de litografia que era vendida de forma avulsa; depois, em 1844, ele cria uma revista de humor político utilizando as charges. Já em 1860, Angelo Agostini deu continuidade à tradição de introduzir desenhos em publicações jornalísticas com temas que satirizavam a política e a vida social. Suas principais personagens foram “Nhô Quim” (1869), e “Zé Caipora” (1883), na revista *Vida Fluminense*.

As histórias em quadrinhos, em tempos passados, tiveram uma rejeição por parte dos educadores (tradicionalistas), conforme Waldomiro Vergueiro observa:

Após décadas de rejeição por parte dos educadores, no final dos anos 1990 as histórias em quadrinhos começaram a conquistar seu espaço nas salas de aula brasileiras. No entanto, apesar dos avanços conseguidos, ainda é preciso adequar as aplicações possíveis deste produto cultural às necessidades do

processo de aprendizado. Nesse sentido, neste artigo temos por objetivo fomentar e nortear o uso apropriado das narrativas sequenciais nas práticas educativas, discutindo os possíveis caminhos para sua implementação. (VERGUEIRO, 2012, p. 81)

Desde a década de 90 que as histórias em quadrinhos tiveram relevância dentro do processo de ensino aprendizagem, como ferramenta de uso educacional, porém, essa convivência nem sempre foi tão pacífica quanto parece, uma vez que tanto houve momentos de hostilidade, como, também, houve momentos de acanhada simpatia, por parte de alguns professores. Em seu estudo sobre o estranhamento dos quadrinhos e a educação, Djota Carvalho deixa bem claro que:

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças. (CARVALHO, 2006, p. 32)

Percebemos que depois de criarem um código de ética para os quadrinhos, as revistas adquiriram um tom mais leve que propiciou o seu uso nos livros didáticos, sem causar distúrbios aos jovens estudantes que o lessem. Com isso, no período ainda da ditadura militar no Brasil, algumas tiras já poderiam ser encontradas em livros didáticos que podiam resumir, de forma divertida, o conteúdo que seria abordado naquele capítulo.

Dessa forma, podemos afirmar que o desempenho dos alunos mudou consideravelmente, pois as tiras (ou mesmo as páginas em quadrinhos), se por um lado, estimulavam os estudantes no trato com a leitura, inserindo num contexto discursivo a respeito de determinados temas, por outro lado, também, propiciavam o gosto pelo aprendizado de línguas estrangeiras.

Entretanto, precisamos ter cuidado com as reflexões que podem ser extraídas dos quadrinhos, pois cabe salientar que esse tipo de texto é criado com a finalidade de estimular a leitura de crianças e jovens e que os temas, por conta disso, não podem ser ou conter um assunto que não esteja na faixa etária deste mesmo grupo.

O mediador educacional precisa conhecer as histórias em quadrinhos para que seu trabalho seja efetivo e promissor, pois tendo conhecimento desse gênero, ter-se-á compreensão suficiente para a sua aplicabilidade na sala de aula. Contudo, não basta que leiamos os conteúdos só

pelo viés textual, mais importante são as informações, de maneira implícita, que são veiculadas nas imagens dos quadrinhos, pelo viés não verbal. Segundo Thierry Groensteen (2004, p. 44): “É nas articulações internas em elos de imagens que se fixa o sentido, jogando o texto, por este ângulo, frequentemente, apenas um papel complementar”.

As formas dos quadrinhos, também, podem influenciar na sua leitura, tendo em vista que aparecem comumente de estrutura cômica e alegre, porém, outros contextos foram inseridos na confecção de novas histórias, desde a década de 70. A partir desse momento, as histórias de heróis foram padronizadas para os quadrinhos bem como a criação de textos com temas diferenciados, é o que iremos abordar no próximo tópico.

A partir de 1905, no Brasil, se sobressai a primeira tradução dos quadrinhos de “Tico-Tico”, do autor Buster Brown. Nessa época, o mercado nacional não oportunizava os autores nacionais, uma vez que o foco estava nas produções norte-americanas e europeias.

Porém, na década de 60, nasce o primeiro quadrinho que valorizava a cultura brasileira. Tendo Ziraldo como seu criador, a narrativa trata dos elementos da nossa cultura, sendo o Saci Pererê o seu protagonista. Também, o mesmo autor teve papel fundamental uma vez que conseguiu destravar as portas das editoras nacionais para o surgimento de autores nacionais com histórias em quadrinhos que circulam até hoje pelas bancas de revistas, como é o caso da *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza.

Ao longo dos tempos, os quadrinhos ampliam e se atualizam para que orientem, cativem e atraiam muitos leitores e, também, fãsem esquecer que no ambiente escolar o seu uso e aproveitamento vem sendo cada vez maior. A utilização destas narrativas vem despertando e motivando o intelecto dos estudantes, suas premissas influenciam para que o leitor de forma positiva ou negativa escolha se os quadrinhos serão uma forma de transformação ou alienação.

A arte de ensinar é muito dinâmica, porém, unificada ao bom uso, os quadrinhos podem ajudar no crescimento cognitivo dos alunos, pois, o processo interativo de novos conhecimentos, aliado com o que já está previamente aprendido, será uma forma de valorizar o significado do novo, estabilizando essa interação de conhecimentos.

O sujeito, quando não tem uma base previa de conhecimentos, o seu aprendizado torna-se mecânico, tendo utilidade apenas para decodifi-

car o que está exposto, ou seja, a junção da linguagem verbal com as imagens presentes, porém, sem compreendê-las de fato. A dicotomia empregada nessa interação de conhecimentos novos e velhos aumentará de forma enriquecedora o caráter das várias leituras que o próprio leitor faça, sendo, assim, absorvidas com a função do crescimento intelecto e não como mera forma de decodificação. Com isso, podemos citar Regina Aranda da Cruz Galo (2010, p. 33-41): “Os quadrinhos transformam o texto corrido em uma linguagem mais acessível, estimulando o indivíduo a se aprofundar no assunto abordado. Além de divulgar informações e podem formar opiniões e provocar reflexões”.

Estudos comprovam que as crianças, das séries iniciais, do ensino fundamental, que fazem uso dos quadrinhos têm uma competência leitora e facilidade de entendimento maior que as que só foram alfabetizadas com o uso do livro didático. Com isso, podemos concluir que as crianças não têm apenas um meio de entretenimento, mas, antes, um excelente meio para o exercício prático da leitura. Acreditamos que o seu uso pode influenciar tanto para o uso da arte como, também, da prática de leitura e da produção criativa de textos que possam ser produzidos pela influência das histórias em quadrinhos.

#### **4. Os quadrinhos: a nona arte contemporânea**

Sabemos, desde os primórdios, que os homens se utilizam das imagens para comunicação, a revista de quadrinhos surge com o intuito de aliar o prazer de ler com a exploração imagética que proporciona ao leitor uma descoberta impar, pois futuros e promissores leitores se apoiam na prática de que os quadrinhos são impulsionadores no desempenho desse papel de leitor.

Mesmo sendo chamada “Nona arte” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009), os quadrinhos sofrem por não serem considerados como arte para alguns críticos. No entanto, a sua aceitabilidade pela sociedade foi muito maior do que se esperava e podemos comprovar, por isso, o aparecimento da personagem Yellow Kid, nos Estados Unidos em 1895, no *New York Journal American*.

Os quadrinhos, com o passar dos tempos, se tornaram uma espécie de cultura popular, principalmente, com o aparecimento dos grandes heróis que eram os ídolos da juventude daquela época. Com a ascensão dos quadrinhos, aguardados com ansiedade pelos leitores dos jornais, tal

fato gerou um desconforto na imprensa que perdia o seu espaço, criando um embate a essa arte futurista.

A influência era tamanha que incentivou Adolf Hitler a usar a figura do Super-Homem para projetar as ideias do nazismo na cabeça dos jovens. Porém, o super-herói foi classificado como um perigo para os ideais do Terceiro Reich, por se tratar de um pacificador que contrariava o ditador por favorecer os fracos e oprimidos.

Igualmente, na década de 50, os quadrinhos foram considerados como um modelo de instigação à rebeldia juvenil. O psicólogo Frederic Wertham afirmava que os jovens eram induzidos a atitudes imorais, até levantar a hipótese de um relacionamento homossexual entre Batman e Robin, e a Mulher-Maravilha ser uma lésbica. (ABBADE, 2005). Com isso, surgiu a criação do grupo chamado “Comic Code” que servia para definir os parâmetros éticos dos quadrinhos.

##### **5. *Uma nova leitura da literatura: inovando através das histórias em quadrinhos***

Sabendo que a preocupação com a deficiência de leitura nas escolas do ensino básico já se trata de uma temática que preocupou e sempre preocupará os estudiosos, por isso, buscamos trazer alguns que têm trabalhado bastante com essa temática sobre a leitura. Não é preciso ir muito longe, para nos depararmos com os escritos e preocupações de Marisa Lajolo, por exemplo, quando nos chama atenção em seu texto “Do mundo da leitura para leitura do mundo” (LAJOLO, 1982, p. 43) em que afirma: “não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala de representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporando como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um”.

O nosso trabalho surgiu nas aulas de língua portuguesa e de literatura, com alunos do ensino médio (2º e 3º anos), em uma escola da rede estadual pública de Mato Grosso do Sul, onde buscávamos uma nova maneira de despertar o interesse dos alunos com relação à leitura que, a cada dia, tornava-se uma espécie de calcanhar de Aquiles, principalmente, quando se tratava dos clássicos da nossa literatura.

Encontramos novas versões de algumas obras adaptadas para histórias em quadrinhos, com isso, conseguimos chamar a atenção dos alunos despertando-lhes a curiosidade e o desejo por ler a obra. Dessa for-

ma, conseguíamos aliar o trabalho com dois tipos de linguagem: a verbal e a não verbal. Fazendo o uso da linguagem mista, buscamos, com isso, levar em consideração Eliana Yunes:

Resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, Isto é, fortalecendo o espírito crítico. (YUNES, 2002, p. 54)

Aproveitamos para enfatizar a ideia de outros teóricos como, por exemplo, Paulo Franchetti, cujo nome reforça a inovação nas aulas de literatura, em seu texto “Ensinar Literatura para quê?” (apresentado na palestra do Encontro Mato-Grossense de Estudantes de Letras, realizado na UFMT, em Cuiabá, em 2009). Na pesquisa, o autor questiona e incentiva a verdadeira forma de ensinar a literatura em sala de aula, objetivando a uma reflexão sobre como se deve lecionar esta disciplina.

Na verdade, o que Paulo Franchetti nos chama a atenção é que a literatura não pode (e tampouco deve) ser utilizada como apoio para os estudos de questões próprias de outras disciplinas. Dito de outro modo, a literatura tanto não pode ser aplicada no estudo decorativo de datas ou nomes de autores como, também, não pode apenas servir para um estudo filosófico ou sociológico.

O intuito do autor, no artigo, é apresentar o grande diferencial da literatura assim como promover o processo de leitura e seus deslocamentos, convidando para uma entrega sem limites a tudo que está se movendo no texto, por isso, se torna arte e não ciência. Ainda, segundo o texto, mais além, vamos deparar-nos com a situação de que textos literários permeiam por outros campos do conhecimento humano. Para isso, cita a obra *Os Seritões*, por ser literário, mas que pertence a um gênero totalmente diferente do literário.

Podemos perceber que a literatura tem uma força muito grande, uma vez que abre um espaço para que o leitor se projete dentro da própria obra. Nesse aspecto, é bem colocado quando cita a descrição dos olhos de Capitu, da obra de Machado de Assis, e podemos realmente concordar, pois, em nenhum momento paramos para pensar no restante do corpo da personagem. Ao contrário, toda atenção está sendo desviada e concentrada nos adjetivos atribuídos aos olhos dela.

Portanto, ensinar literatura é criar condições para que o estudante (ou leitor em formação) torne-se herdeiro do manancial da sabedoria,

pois, através da criação de vínculo do passado com o futuro, liberta-se o presente de si mesmo. Em outras palavras, na verdade, o autor apela para que a formação esteja livre da ignorância e que possa, por isso, compreender a literatura como grande fonte de conhecimento e prazer e não como veículo para compreensão de outros conhecimentos.

Com o passar dos tempos, os quadrinhos vêm aprimorando-se cada vez mais e seu desenvolvimento tem se tornado cada vez mais crescente, conquistando um número maior de admiradores e adeptos dessa arte que outrora foi condenada por outros. Por ser um artefato de grande riqueza de recursos visuais, o professor pode explorar principalmente as cores que identificarão as personagens, uma vez que, ainda no passado, ao contrário, as histórias tinham seu reconhecimento nos enredos em preto e branco que recheavam as revistas com as narrativas de *cowboys*, como a conhecida revista *Tex*.

As sensações que as cores vêm causar nas histórias em quadrinhos tornam-se um grande instrumento de comunicação, pois cada elemento tonificador vai exercer uma função dentro da história. Podemos, com isso, até afirmar que tudo que se relaciona à cor vermelha pode ser identificado como um perigo ou a explosão da vida.

Os balões, que se fazem presentes são constituídos para representar a comunicação das personagens, desempenham várias finalidades, dependendo do contexto. A saber, podem sinalizar uma fala, um pensamento, sem preocupar no leitor a identificação da personagem a qual se refere como é o caso do texto literário. Nesse, ao contrário, o leitor precisa estar atento às entrelinhas para identificar a personagem. Por fim, ainda, temos o espaço de tempo que aparece entre os balões, ligando-os e que se pode completar com a própria imaginação do leitor.

## **6. A reinvenção da literatura para os quadrinhos**

Quando se pretende fazer uma adaptação de qualquer obra é necessário ter em mente que a mesma pode servir de apoio à obra original, uma vez que se trata de uma releitura com o intuito de aprimorar a obra adaptada. Alguns melindres, no entanto, precisam ser levados em consideração para que aconteça uma desconstrução do texto original. O novo modelo tem que se valer de recursos que a enriqueçam sem torná-la descharacterizadora do chamado texto canônico.

Embora as mudanças possam modificar a sua forma apresentada,

os caminhos não serão os mesmos, pois sempre acontecerá a aproximação dos textos aos caracteres pessoais de cada adaptador que, por sua vez, fará uso nos desenhos de elementos que o façam presentes no texto e, com isso, afastando-se do “texto original”.

Muitos clássicos da literatura já foram adaptados para os quadrinhos. Esse reforço surge como auxílio para a divulgação das obras universais (mas, também, brasileiras) como forma de despertar no leitor o aprofundamento das obras e a riqueza do intelecto infante-juvenil. Como já citado anteriormente, não podemos negar que a atual juventude esteja mais próxima às imagens que à própria escrita.

No Brasil, temos algumas editoras que emplacaram com as adaptações dos clássicos para as histórias em quadrinhos por perceberem que essa nova geração tem o seu foco no imagético e não no contexto escrito. Tivemos oportunidades que despertaram o interesse de jovens em fazer as leituras de clássicos originais, depois que folhearam as páginas das histórias em quadrinhos.

Na verdade, contudo, vivemos outros tempos hoje, pois o que antes eram considerados como objetos de transformação comportamental, os quadrinhos são os livros que a juventude sente prazer em desfolhar cada página para saber o que acontece no enredo e que desfecho terá a personagem principal.

Temos muito a agradecer, por conta disso, aos programas institucionais que, também, ajudaram que as histórias em quadrinhos tivessem o seu valor reconhecido dentro das escolas. Com a criação do Programa Nacional Biblioteca nas Escolas, do Ministério da Educação, pudemos finalmente ver a inclusão das histórias em quadrinhos, nos seus acervos e, desde 2007, têm um crescimento relevante atingindo índices bem consideráveis, pois representam 4,1% dos 540 títulos apresentados pelo programa, segundo dados do PNBE/MEC. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009)

Mesmo com a diminuição da leitura, por conta da própria constituição dos leitores que são influenciados pelos meios audiovisuais e, também, pelos interativos-tecnológicos, os professores não têm desistido dessa prática em sala de aula, pois os quadrinhos tornam-se grande apoio nas atividades que são aplicadas com os alunos. Podemos perceber que, até na aplicação de provas em que aparecem as ocorrências com as histórias em quadrinhos, a facilidade de o aluno conseguir êxito, é cada vez maior, uma vez que a interpretação se torna mais fácil e agradável.

Uma das coisas que ajudam bastante na preparação formativa dos estudantes foi a união dos quadrinhos com os textos técnicos que são usados nos livros didáticos, pois favoreceram o crescimento cognitivo dos alunos para ampliar mais o seu aprendizado. Alguns estudiosos, no entanto, alertam para que o fator comercial não crie distorções que prejudiquem o entendimento do conteúdo na utilização em algumas disciplinas, como a do campo das ciências humanas. Segundo Sônia Maria Bibe-Luyten:

Há livros que, apenas para vender mais, inserem alguns elementos de quadrinhos (balões ou onomatopeias) em velhas imagens conhecidas. Pondera, ainda, a respeito de a disciplina ser afeita ou não à quadrinização: em matérias das ciências humanas (geografia, história, sociologia), “quando a quadrinização é malfeita, a imagem pode transmitir figuras deturpadas, gerar esteótipos, conotações ideológicas, ou seja, interpretações errôneas dos acontecimentos. (BIBE-LUYTEN, 1984, p. 88-9)

O aluno pode ser estimulado com o uso das histórias em quadrinhos no ensino, todavia, o cuidado com essa preparação é necessário para que possam ser gerados frutos para o conhecimento e não, ao contrário, para a uma confusão de entendimentos causada por uma interpretação equivocada. A formação, igualmente, por fim, não pode ser apenas trabalhada a partir dos elementos imagéticos o que pode, por conta disso, causar uma falta de raciocínio no processo de criatividade e, por conseguinte, o mal entendimento no momento de analisá-los.

Uma das disciplinas que tem a utilização dos quadrinhos, com muita frequência, é a de línguas, seja materna (portuguesa) ou as estrangeiras e, nessas, os quadrinhos são uma fonte semântica de fácil entendimento por mesclar o texto verbal ao não verbal. Isso facilita bastante a prática docente uma vez que questões de interpretação podem ser extraídas e trabalhadas, a partir das imagens que são apresentadas.

Outras formas de trabalho, ainda, dentro do estudo de línguas, é que o próprio aluno pode trabalhar com a criação de falas, em balões, que são construídas nas suas próprias histórias; tal utilização pode cada vez mais enriquecer e facilitar o aprendizado dos alunos. Claro que podemos ampliar os horizontes para disciplinas afins, porém, como já dissertamos anteriormente, não podemos obscurecer o foco, isto é, que a mesmas percam o seu valor diante das implementações que estão sendo conferidas.

## 7. Considerações finais

Focalizando a prática inovadora da leitura, sabemos o que realmente importa não é apenas a leitura do aluno, isto é, não a prática mecanizada de ler o texto ou obra, mas que, ao contrário, possa digerir e transformar o que foi escrito e que possa fazer mudanças, ampliando a sua visão com relação ao mundo e a si mesmo, pois o livro tem essa característica.

Esperamos que façamos com que esse entendimento possa realmente circular, ser exposto e debatido para que a leitura de textos e, principalmente, dos clássicos literários possa ser mais chamativa. A inovação depende de quem a propaga, no caso o professor, pois ele pode com seu poder de persuasão mostrar que as mudanças são benéficas e instrutivas. Não importa se o trabalho será feito com adaptações, mas importa, antes, que o professor faça a apresentação necessária, no demais, ficará por conta do livre arbítrio de cada um.

Diante dos avanços tecnológicos e com novos aplicativos que facilitam a vida dos estudantes, não podemos deixar de arranjar atrativos para que os alunos queiram ler os textos literários. Os textos em quadrinhos podem, com isso, facilitar e fazer com que a nova geração entenda que a leitura pode ser uma diversão, como utilizar os novos mecanismos tecnológicos.

Diante do que expusemos aqui, queremos intensificar o trabalho com as histórias em quadrinhos não apenas como diferencial que possa dinamizar as aulas, porém, igualmente, antes, como um atributo que forneça ao estudante novas formas de pensar, de criar, de criticar as várias situações que estamos passíveis no cotidiano seja da escola, como também da vida em si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Mário. Batman e a sedução do inocente. 2005. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br>>. Acesso em: 20/06/2016.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Ivan Jaf (roteiro); Rodrigo Rosa (arte). 1. ed. São Paulo: Ática, 2012. (Clássicos Brasileiros em HQ)

\_\_\_\_\_. *O Alienista*. Cesar Lobo (adaptação e arte); Luiz Antonio Aguiar (roteiro). 1. ed. São Paulo: Ática, 2008. (Clássicos Brasileiros em HQ)

BIBE-LUYTEN, Sônia Maria. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos)

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-63

CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. Campinas: Papirus, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? *Revista Desenredos*. Teresina, Ano I, n. 3. 2009.

GALO, Regina Aranda da Cruz. Dos livros para os quadrinhos: as quadrinizações de obras literárias na sala de aula. *UNOPAR Científica: Ciências Humanas e Educação*, vol. 11, n. 2, p. 33-41, 2010.

GOMES, Nataniel dos Santos (Org.). *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012.

GROENSTEEN, Thierry. *História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *Cuatrogatos: Revista de Literatura Infantil*, n. 7, julho-setembro 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leila. Literatura para todos. *Literatura e Sociedade*, São Paulo: USP, vol. 11, n. 9, p. 16-29, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar história em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da história em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA-USP, n. 22, p. 46-51, set./dez. 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em curso: trilogia pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2003.

VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Quadrinhos e educação popular no Brasil: considerações à luz de algumas produções nacionais. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª Arte*. São Paulo: Devir, 2009, p. 83-102

\_\_\_\_\_. RAMOS, Paulo (Orgs.) *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

YUNES, Eliana. Dados para uma história da leitura e da escrita. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 52-9

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985

\_\_\_\_\_. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1992.